

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI
CURSO DE SEGUNDA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JOAO ANTÔNIO INÁCIO DA COSTA

**A RESISTÊNCIA NA/DA MÚSICA NO PERÍODO DA DITADURA CIVIL
MILITAR**

IPAMERI/2019

JOAO ANTÔNIO INÁCIO DA COSTA

**A RESISTÊNCIA NA/DA MÚSICA NO PERÍODO DA DITADURA CIVIL
MILITAR**

Trabalho de Conclusão de Curso - TC
apresentado como requisito parcial para
obtenção de título de Licenciado em
Pedagogia.

Orientador(a): Prof. Dra Rozane Alonso
Alves

IPAMERI/2019

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano

CJ89r Costa, João Antônio Inácio da
A RESISTÊNCIA NA/DA MÚSICA NO PERÍODO DA DITADURA
CIVIL MILITAR / João Antônio Inácio da
Costa;orientadora Rozane Alonso Alves . -- Ipameri,
2019.
25 p.

Monografia (Graduação em Segunda Licenciatura -
Pedagogia) -- Instituto Federal Goiano, Campus
Ipameri, 2019.

1. Discurso. 2. Sujeito . 3. Resistência . 4.
Ditadura . 5. Musica. I. , Rozane Alonso Alves,
orient. II. Título.



TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese | <input type="checkbox"/> Artigo Científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro |
| <input type="checkbox"/> Monografia – Especialização | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input checked="" type="checkbox"/> TCC - Graduação | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: João Antônio Inácio da Costa
 Matrícula: 2017212222330141
 Título do Trabalho: A resiliência na/dá música no período da Ditadura Civil Militar

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: Não Sim, justifique: _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: / /

- O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não
 O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Ipameri-GO, 05/08/19.
Local Data

João Antônio Inácio da Costa
Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:

Rozane Alencar Alves
Assinatura do(a) orientador(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TC) DO CURSO DE SEGUNDA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

No dia 27 de Junho de 2019, às 19:00 horas, na Sala de aula 1 do bloco D do Instituto Federal Goiano – IFGoiano, Campus Avançado Ipameri, sob a presidência da Professora Dra Rozane Alonso Alves, reuniu-se, em sessão pública, a Banca Examinadora da Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do aluno **JOÃO ANTÔNIO INÁCIO DA COSTA**, do curso de Segunda Licenciatura em Pedagogia, visando à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia. A banca constituída pelos professores: Dra Rozane Alonso Alves (orientadora e presidente - IFGoiano), Ma. Laiane Fernandes Jeronimo, Dra. Gilmara Aparecida Correa Fortes foi indicada pelo aluno e orientadora, com anuência da Coordenação do Curso. Iniciados os trabalhos, a presidência deu conhecimento aos membros da Banca, e ao acadêmico, das normas que regem a defesa de Trabalho de Conclusão de Curso. A seguir, o aluno passou à defesa de seu trabalho intitulado: **A resistência na/da música no período da ditadura civil militar**. Encerrada a defesa, procedeu-se ao julgamento. Apuradas as notas verificou-se que o(a) acadêmico(a) foi aprovado, com a nota 9,9. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora e por mim, em 27 de Junho de 2019.

João Antônio M. da Costa

Acadêmico: João Antônio Inácio da Costa

Rozane Alonso Alves

Professora Dra Rozane Alonso Alves – Orientadora e Presidente

Laiane Fernandes Jeronimo

Professora Ma. Laiane Fernandes Jeronimo – membro Titular

Gilmara Aparecida Correa Fortes

Professora Dra. Gilmara Aparecida Correa Fortes – membro Titular



INSTITUTO FEDERAL
Goiano
Campus Avançado Ipameri

**A RESISTÊNCIA NA/DA MÚSICA NO PERÍODO DA DITADURA CIVIL
MILITAR**

Trabalho de Conclusão de Curso – TC, vinculado ao Curso de Segunda Licenciatura em Pedagogia no Instituto Federal Goiano – IFGoiano, Campus Avançado Ipameri, sob responsabilidade da Banca Examinadora:

Trabalho de Curso (TC) apresentado à banca examinadora em ___/___/___,
constituída pelos professores(as):

Prof. Dra Rozane Alonso Alves – Orientadora/IFGoiano

Prof. Ms. Laiane Fernandes Jeronimo – Membro Interno/ IFGoiano

Prof. Dra. Gilmara A. Correa Fortes – Membro Interno/ IFGoiano

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, a minha mãe
Ana Maria Inácio de Jesus

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

Ao minha orientadora Prof. Dra Rozane Alonso Alves, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

A minha mãe Ana Maria Inácio de Jesus, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia; e se é verdade que deve aprender aos poucos o ofício das armas – essencialmente lutando – as manobras como a marcha, as atitudes como o porte de cabeça se originam, em boa parte, de uma retórica corporal da honra (FOUCAULT, 2008, p.117).

(Michel Foucault)

SUMÁRIO

Introdução	2
Ditadura civil militar no brasil	5
Poder e verdade	9
Análise de fragmentos de músicas censuradas no período da ditadura civil militar	10
Considerações Finais	18
Referências.....	18

A RESISTÊNCIA NA/DA MÚSICA NO PERÍODO DA DITADURA CIVIL MILITAR

Orientando: João Antônio Inácio da Costa

Orientadora: Dra Rozane Alonso Alves

Resumo: Este artigo objetiva analisar e perceber resistências em cinco composições da música brasileira, emergentes entre os anos de 1964 e 1984, período da Ditadura Civil Militar no Brasil. Para tal, optamos por nos apoiar teoricamente em alguns ensinamentos de Michel Foucault pois possibilita vincular discurso e história, abrangendo embates históricos, sociais e políticos, uma vez que se pretende mostrar, por meio das enunciações, a tomada de posições-sujeito de resistência, durante o período de tempo selecionado. O estudo tem como proposta uma análise qualitativa frente as composições bem como sobre os sentidos que ecoam de suas resistências.

Palavras-chave: Discurso, Sujeito, Resistência, Ditadura, Musica.

Abstract: This article aims to analyze and perceive resistances in five compositions of Brazilian music, emerging between the years of 1964 and 1984, period of the Military Dictatorship in Brazil. To that end, we have chosen to support theoretically in some of Michel Foucault's teachings, since it makes it possible to link discourse and history, encompassing historical, social and political conflicts, since it is intended to show, by means of enunciations, during the selected time period. The study proposes a qualitative analysis of the compositions as well as the senses that echo their resistances.

Key Words: Speech, Subject, Resistance, Dictatorship, Music.

Introdução

*Prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Eu quero dizer
Agora, o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Sobre o que é o amor
Sobre o que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela
Amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio
Amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
Eu sou um ator
É chato chegar
A um objetivo num instante
Eu quero viver
Nessa metamorfose ambulante*

É através de nossa memória que começamos a formar os nossos dizeres, ela nos remete a historicidade de fatos e sobre assuntos que queremos dizer e nos expressar e através dessas memórias começamos a formar os nossos discursos, começamos a instaurar os nossos dizeres, pois o discurso vive em constante mudança, ele não se repete, sempre dizemos algo que já foi dito.

Essas memórias surgem através de coisas que já tenhamos lido, que tivemos

algum contato alguma vez em nossas vidas, portanto tudo o que lemos, que estudamos ficam arquivados em nossa cabeça e quando precisamos de algum assunto, pesquisamos primeiramente em nossas memórias.

Tudo está interligado um com o outro para a formação dos nossos discursos, dos nossos dizeres, pois é através dele que nos constituímos enquanto sujeitos sociais e podemos tomar parte em qualquer meio social. Nossas memórias sempre são importantes para podermos dar continuidade ao nossos dizeres e os nossos discursos, pois sem elas não teremos base para podermos formar e concluir nossos dizeres com segurança.

O discurso é tudo o que o sujeito fala, na verdade nossos discursos, nossos dizeres se repetem, tudo o que falamos e dizemos já ouvimos e tomamos conhecimento através de alguma leitura que já tenhamos feito antes, pois o discurso vem através do decorrer da história, ele possui uma historicidade sendo que ele não é a língua nem a fala, mas precisa delas para poder se materializar, se tornar concreto e real.

[...] dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. Assim, observamos, em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos em debates e/ou divergências, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema (FERNANDES, 2005, p.20).

Um mesmo assunto pode ser dito por diferentes pessoas mais de formas diferentes, sendo que cada um terá o seu próprio entendimento daquilo que tenha sido dito, pois cada um pensa de uma forma diferente e nada é igual, mas tudo se repete. Para o discurso surgir é preciso ter ideias, ter sua própria ideologia formada, pois são a partir delas que o discurso começa a ser formado e produzido, tudo o que pensamos torna-se necessário para se ter um bom discurso. “As escolhas lexicais e seu uso revelam a presença de ideologias que se opõem, revelando igualmente a presença de diferentes discursos, que, por sua vez, expressam a posição de grupos de sujeitos acerca de um mesmo tema.” (FERNANDES, 2005, p.21).

Nesse entendimento, principalmente na época da Ditadura Civil Militar no Brasil, vários discursos foram silenciados e censurados. Esse período é marcado por processos de normalização que alinhado com a força militar, resulta em processos de violência física, violência psíquica, entre outras forma de violência.

Por outro lado, como é possível ver nos ensinamentos de Foucault (1979; 1997; 2006), para reconstruir acontecimentos discursivos e históricos, é necessário sair em busca das oposições: insanidade contra sanidade, criminalidade contra a lei, opressão contra a liberdade. Essa concepção de História, constituída por uma rede discursiva, está profundamente conectada com as formas de resistências e, por isso, relaciona-se com certas características dessas lutas: são lutas transversais e que não respeitam as fronteiras nacionais; são lutas que não criticam apenas o acúmulo de riqueza, mas o excesso de opressão política que a concentração de riqueza implica.

Em outras palavras, nem tudo pode ser normatizado e silenciado. Quando esse processo de censura acontece no Brasil, é possível visualizar no contexto histórico vários movimentos que buscam romper com essa estrutura, sendo que um desses movimentos caminha com compositores e cantores, ou seja, as composições da música brasileira.

Optamos por esta perspectiva teórica por possibilitar vincular discurso e história abrangendo embates históricos, sociais e políticos, uma vez que se pretende mostrar, por meio das enunciações, a tomada de posições-sujeito de resistência, durante o período de tempo selecionado (1964 e 1984).

Deste modo, o trabalho em tela se constitui por meio da pesquisa qualitativa em Moreira (2002, p.45), entendendo que a pesquisa qualitativa inclui: 1) A interpretação como foco. Nesse sentido, há um interesse em interpretar a situação em estudo sob o olhar dos próprios participantes; 2) A subjetividade é enfatizada. Assim, o foco de interesse é a perspectiva dos informantes; 3) A flexibilidade na conduta do estudo. Não há uma definição a priori das situações; 4) O interesse é no processo e não no resultado. Segue-se uma orientação que objetiva entender a situação em análise; 5) O contexto como intimamente ligado ao comportamento das pessoas na formação da experiência; e 6) O reconhecimento de que há uma influência da pesquisa sobre a situação, admitindo-se que o pesquisador também sofre influência da situação de pesquisa.

Assim, faremos recortes de fragmentos de algumas músicas, especificamente do Raul Seixas¹, onde atenderá a um aspecto relacionado à constituição discursiva

¹Raul Santos Seixas (1945-1989) foi um músico, cantor e compositor brasileiro, considerado um dos principais representantes do rock no Brasil. Para ler mais sobre a biografia de Seixas, acessar o link: https://www.pensador.com/autor/raul_seixas/biografia/

do sujeito em análise, a inserção em uma posição sujeito por meio das práticas de subjetivação.

Ditadura civil militar no Brasil

5No dia 30 de março de 1964, os brasileiros foram dormir sonhando com as reformas sociais propostas de um governo social, mas na manhã seguinte, porém, a nação acordava com um rumor de um golpe de Estado realizado pelas Forças Armadas, como era um governo eleito pelo voto direto, com boa capacidade de mobilização popular a seu favor havia caído sem a menor resistência arrastando consigo todo um sistema político, tudo ocorrido pelo golpe militar. As tensões políticas que culminaram na queda do governo se desenvolveram num quadro de crise socioeconômico e radicalização política-ideológica muito explorado pelos conspiradores afim do poder. Os militares tinham “interesses ocidentais”, representados pelos Estados Unidos da América, com isso fez com que os militares ganhasse forças para tomar conta do Brasil e expor suas praticidade. Os militares viram que o Brasil estava ocorrendo uma grande crise e aproveitando para dar o golpe, eles viram uma grande abertura com a crise do Brasil.

“Legalmente” sem presidente, o caminho para o poder ficava ainda mais fácil para os golpista. Boa parte da imprensa apoiou o golpe. Os casos mais famosos foram os dos jornais O Estado de S.Paulo e Tribuna da Imprensa, esse último de Carlos Lacerda. Ambos não só apoiaram como também tomaram parte na conspiração golpista, ao ajudar a desestabilizar e a desgastar a imagem do governo, com a publicação de notícias negativas. Além da articulação interna, o golpe também foi apoiado pelos Estados Unidos, que chegaram a preparar uma operação de apoio militar, em caso de resistência – a “operação Brother Sam”.(NAPOLITANO,1998,p.12)

O Brasil começava, assim, a era das “ditaduras militares”, baseadas na Doutrina de Segurança Nacional, tendo apoio os norte – americanos. Já nos primeiros dias após o golpe militar começa a perseguição aos membros mais “ameaçadores” do antigo governo e simpatizantes do partido comunista. Dessa junção de militares emergiu o novo autoritarismo militar e junto com ele uma nova estrutura socioeconômica que mudaria a face da sociedade brasileira. A intenção do Governo Militar nessa época era:

Devolver ao Estado a capacidade de investimento em infraestrutura produtiva, reorganizando as finanças públicas e redimensionando o sistema tributário; renegociar a dívida externa para conseguir novos empréstimos, fundamentais para a recuperação da capacidade produtiva do capitalismo brasileiro, tão dependente de recursos e tecnologias do exterior. Obviamente, tudo isso deveria ser feito sem

prejudicar os interesses dos grandes capitalistas nacionais e estrangeiros, entusiastas do novo regime.(NAPOLITANO,1998 p,17)

Com essas disputas de economias e capital, começa assim a intervenção do governo militar, os camponeses cuja a organização era mais fraca era que sofria mais a intervenção .

Entre os camponeses, cuja organização sindical era muito fraca e recente, a repressão ficou a cargo dos proprietários de terras (os coronéis) e , na maioria dos casos, significou a tortura e a morte de líderes, especialmente nos Estados do Nordeste. A ação violenta das elites sobre os trabalhadores organizados, uma constante na história do Brasil, não precisou esperar o maior fechamento institucional do regime em 1968 : começou logo após o golpe, sem muitas formalidades. (NAPOLITANO,1998 p,19)

Com os fatos ocorridos a sociedade tem outros olhos para aquilo que estava acontecendo na sociedade e no Brasil. Os militares queriam mandar em tudo, inclusive com estudantes, todas as entidades estudantis ficavam sujeitos ao controle do Estado, com isso já foi criando uma revolta com a sociedade e principalmente com estudantes e com membros da educação.

As fronteiras políticas entre os países eram mais ideológicas que territoriais; como consequência, o inimigo da nação poderia estar dentro do território nacional, professando, sub-repticiamente, uma ideologia inimiga e ameaçadora da ordem; a estratégia para combater o inimigo interno e externo deveria ser global, isto é, política, militar e econômica; o desenvolvimento nacional segurança e desenvolvimento eram vistos como Objetivos Nacionais Permanentes, incompatíveis com o liberalismo político que havia norteado a relação dos Estados modernos com sociedade civil logo, o Estado não deveria ceder as pressões dos grupos sociais em conflito, mas garantir os Objetivos Nacionais Permanentes, vigiar e reprimir tais conflitos, que poderiam ser explorados pelo inimigo interno para desestabilizar a nação o poder político do Estado deveria estar centralizado numa instituição de caráter nacional, hierárquico e disciplinado, vista pelos ideólogos dessa doutrina como neutra e acima dos interesses localizados – as forças Armadas. (NAPOLITANO,1998 p,21-22)

Com o golpe militar havia de um lado grupo de esquerda com seus propósitos e seus poderes em vigor e do outro lado os grupos de direita tentando derrubar e conseguir aquilo que o grupo de esquerda tinha tomado, assim começa um país de poder e guerra. Os estudantes queriam que a justiça fosse feita, que alguma atitude fosse tomada, pois para eles não era justo que qualquer sujeito fosse morto sem nenhum motivo e ficasse por isso mesmo. Eles eram contra a ditadura, faziam pichações escrevendo em muros contra o arrocho salarial,

fora gorilas, abaixo a ditadura. O contexto histórico da época parecia que tudo era um mar de rosas. Quando escrevia letras de músicas, poesias e roteiros de teatro, ali era uma tomada de poder contra o sujeito que se impunha perante aquele poder que ali existia.

A ditadura impunha um poder aonde disseminava o mal, escondia as bizarrices nas funções públicas, transformava professores em sujeitos delatores, colegas em espiões, quando se via mais três alunos reunidos, já imaginavam que seria e que poderia ter algum tipo de manifestação, era punição com certeza. A ditadura não impunha seu poder nas letras de músicas nem no teatro porque eles não tinham provas o suficiente para estabelecer o seu poder, eles usavam o poder em algo concreto aquilo que eles observavam e viam que podia causar algum risco para eles, que era os autores e escritores que escreviam suas letras e roteiros com uma linguagem polissêmica, a ditadura torturava e expulsava os sujeitos que escreviam aquilo que era cantado, encenado ou declamado, eles achavam que com essas músicas tocando em todos os locais, poderiam fazer menção as manifestações e ataçarem ainda mais os jovens revolucionários. Na época de 64 não era só o Brasil que estava ocorrendo uma crise de poder dos militares, com a sociedade ao redor no mundo em outros países também ocorria à repressão de um mundo estabelecido de poder.

Com o ocorrido que os militares mandavam em tudo em 66 após dois anos do golpe a questão da Reforma Universitária. Proposta pelos militares não agradava os estudantes, isso provocou protesto de estudantes nas ruas, os quais reivindicavam “liberdades democráticas”. Outro polo importante na oposição ao regime militar foi os artistas e cantores. A sociedade encontrou neles a expressão contra o regime.

Outro pólo importante na oposição ao regime militar foi constituído pelos artistas. A sociedade civil brasileira encontrou em muitos deles um canal de expressão contra o regime. Boa parte do público desses artistas era constituída de jovens e estudantes

ativistas, o que favorecia a inclusão de temas políticos nos produtos culturais em circulação. O teatro, através do show *Opinião* (estreado no Rio de Janeiro em novembro de 1964), reafirmou, simbolicamente, a aliança de classes derrotada com Goulart: um “favelado” (Zé Keti), um “camponês” (João do Vale) e uma “classe-média de esquerda” (Nara Leão) alternavam músicas e anedotas contra o regime. Na música popular, surgiram os *festivais da canção*, patrocinados pelas TVs Excelsior, Record e Globo, que acabaram se tornando centros de verdadeiros debates musicais, ao premiar canções politizadas e críticas ao regime, como *Disparada* (1966) e *Caminhando – pra não dizer que não falei das flores* (1968), de Geraldo Vandré; *Arrastão* (1965) e *Ponteio* (1967), de Edu lobo; e *Roda Viva* (1967), de Chico Buarque. A música popular e o teatro, aliás, seriam as maiores vítimas da censura cultural imposta a partir de 1969. No cinema, Glauber Rocha consagrava-se *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964) e *Terra em transe* (1967), obras que problematizavam as lutas populares e as contradições da democracia populista, deposta em 1964. Na literatura, coube destaque a Antônio Callado, com seu romance *Quarup* (1967), no qual se narra a trajetória de um padre que, em viagem pelo interior do Brasil, após sofrer um processo de conscientização, descobre um novo sentido político e existencial para sua vida nos valores e nas lutas do povo. Ao mesmo tempo em que redimensionavam, através das suas obras, os valores políticos e ideológicos herdados do período pré-golpe, os artistas engajados serviam como porta-vozes de importantes parcelas da sociedade civil. Paralelamente, a circulação de obras mais críticas e comprometidas expressava um conjunto de insatisfações em relação à ordem vigente, forjando uma contundente cultura de oposição que sobreviveria, até mesmo, ao furor da censura. (NAPOLITANO 1998 p,25-26)

A sociedade estava indignada, estudantes protestavam todos os dias. Com a morte de um secundarista protestante houve a “sexta-feira sangrenta” onde houve uma guerrilha entre estudantes e policiais. A sociedade não tinha formas de combater os civis militares, então eles buscavam formas de incomodar os militares e esse modo de incômodo era através do teatro e da música. As músicas tiveram um grande avanço contra a ditadura civil.

Na luta contra a censura e a ditadura, concorreram muitos grupos e indivíduos. Nos anos 70, por exemplo, artistas populares – sobretudo aqueles ligados à música, como Chico Buarque de Holanda, Ivan Lins, Vitor Martins, Gonzaguinha, João Bosco, Aldir Blanc, Milton Nascimento, Elis Regina, entre outros –, aproveitando-se do próprio crescimento da indústria cultural no Brasil, tornaram-se porta-vozes dos valores democráticos e emancipadores, que se contrapunham à realidade política vigente. Mesmo sob censura, a música popular foi fundamental para disseminar na sociedade, sob forma poética e metafórica, o imaginário da liberdade, constituindo-se naquilo que José Miguel Wisnik chamou de “rede de recados” pela democracia. Na segunda metade da década de 70, o público desses artistas aumentou consideravelmente, sobretudo entre os jovens da classe média, que cada vez mais tornavam atuantes na oposição ao regime. (NAPOLITANO 1998 p,45)

Com um grande protesto com todo apoio da sociedade, dá-se o fim da era da Ditadura Civil Militar no começo de 1984.

Poder e verdade

O poder e a verdade estão ligados um com outro, pois quem está no poder é o mesmo sujeito que busca instaurar a verdade para todos.

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (...) A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder (FOUCAULT, 1979, p. 8-12).

A relação de poder e verdade foi presença constante no período da ditadura militar. Os militares por estarem no poder davam as suas ordens e exigiam que estas fossem cumpridas o mais rápido possível e quem ousasse desobedecer essas ordens, sofriam graves consequências, eram torturados e exilados. Só era verdade o que eles queriam que fosse e ninguém poderia ousar a passar por cima de tal feito que os militares impunham. “A ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que reproduzem. ‘Regime’ da verdade (FOUCAULT, 1979, p.140).

Uma relação extrema de poder que pudemos observar através da ditadura militar, são os casos de pessoas que foram exiladas e proibidas de permanecerem em seu próprio país, no caso o Brasil, isso era terrível, tirar pessoas do seu meio social habitual por simplesmente expressarem suas ideias e por lutarem por seus ideais, sendo que muitos desses sujeitos desapareceram porque foram torturados até a morte.

A prisão é o único lugar onde o poder pode se manifestar em estado puro em suas dimensões mais excessivas e se justificar como poder moral. O fascinante nas prisões é que nelas o poder não se esconde, não se mascara cinicamente, se mostra como tirania levada aos mais íntimos detalhes, e, ao mesmo tempo, é puro, é inteiramente ‘justificado’, visto que pode inteiramente se formular no interior de uma moral que serve de adorno a seu exercício: sua tirania brutal aparece então como dominação serena do Bem sobre o Mal, da ordem sobre a desordem (FOUCAULT, 1979, p.73).

No fragmento citado acima podemos observar claramente como é a relação de poder dentro das prisões, nosso *corpus* de estudo e também de análise que é a ditadura militar. Os sujeitos que faziam parte daquele meio social viviam sobre tensão, eram perseguidos e vigiados a todo momento, essa perseguição era algo tão constante na vida deles, que estes chegavam a ter alucinações, pois viver a todo momento com medo de tudo e de todos não era algo que fosse agradável para ninguém. “A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme à regra. E preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade e submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares” (FOUCAULT, 1979, p.106).

Muitos sujeitos famosos na época da ditadura, foram exilados por causa das músicas que cantavam, pois era um protesto rápido e de total acesso a todos.

Em 22 de dezembro de 1968, nove dias depois de editado o AI-5, a polícia política prende no Rio Caetano Veloso e Gilberto Gil, por protestar contra a ditadura. Pela notoriedade dos artistas, os militares aconselham os dois a exilar-se e eles vão para Londres. Gil partiu lançando o samba *Aquele Abraço*, que varou 1969 tocando nas rádios e figura entre suas obras-primas (COLEÇÕES CAROS AMIGOS, 2007, p.157).

Mesmo com o passar do tempo, temos sempre que dar satisfação dos nossos atos para a sociedade, pois ela critica e não aceita o que não esteja dentro dos padrões que ela, julga ser correto. Isso acontece porque a muito tempo uma certa verdade já foi instaurado por algum sujeito então sabemos de certa forma os padrões que devemos sempre seguir.

Análise de fragmentos de músicas censuradas no período da ditadura civil militar

Neste tópico, nos propomos a fazer análises das músicas que foram censurados no período da Ditadura Civil Militar no Brasil, ao qual o sujeito que emerge das músicas mostra sua indignação com toda a censura que ocorria na época através das letras das músicas.

O sujeito que emerge das músicas ao qual tomamos estas como *corpus* de

análise, deixava claro em suas músicas o seu sentimento de revolta a respeito de todas as coisas que os militares faziam naquela época e através de análises desses fragmentos retirados de cada corpus em questão, abordaremos e evidenciaremos o porquê das censuras. As cinco músicas utilizadas para a produção desse trabalho são todas cantadas e interpretadas por Raul Seixas.

A primeira música ao qual tomamos como *corpus* foi 'Mosca na Sopa', ao observarmos este próprio enunciado, vemos que ele já demonstra ser completamente polissêmico, pois quando se retrata "mosca", o que nos remete é algo indesejável, que nos incomoda, que seja inconveniente e perturbador, também nos remete algo que não esteja no seu devido lugar, que esteja ocupando uma posição que não seja desejada.

Eu sou a mosca que pousou na sua sopa. Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar. Eu sou a mosca que pousou em sua sopa. Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar. Eu sou a mosca que pousou em sua sopa. Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar. Eu sou a mosca que perturba o seu sono. Eu sou a mosca no seu quarto a zumbizar. Eu sou a mosca que perturba o seu sono. Eu sou a mosca no seu quarto a zumbizar (RAUL SEIXAS, MOSCA NA SOPA).

Pode-se observar neste fragmento acima, que quando o sujeito que escreveu este *corpus* em análise, observamos que usou "mosca", pois se trata de um inseto nojento e também bastante inconveniente e que no período da ditadura, os sujeitos que ocupavam a posição de manifestantes contrários aos militares representavam essas moscas para eles e que não iriam desistir de seus direitos. O que também podemos observar neste fragmento através da historicidade que já conhecemos a respeito de todo o *corpus* de estudo ao qual abordamos nossas pesquisas, percebemos que está "mosca" são os sujeitos que se sentem oprimidos por esses militares, mas que os perturbam e não desistem de derrotá-los nunca.

E não adianta vir me dedetizar. Pois nem o DDT pode assim me exterminar. Porque você mata uma e vem outra em meu lugar. Eu sou a mosca que pousou em sua sopa. Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar. Eu sou a mosca que pousou em sua sopa. Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar (RAUL SEIXAS, MOSCA NA SOPA).

Neste segundo fragmento citado acima, observa-se que o sujeito ao falar deste 'DDT', claramente refere-se ao poderoso inseticida que servia para matar mosquitos da malária, ou seja, algo altamente destrutivo. É possível comparar o

‘DDT’ em relação ao poder que os militares exerciam e principalmente aos sujeitos que sempre protestariam e lutariam por seus direitos e que aqui neste *corpus* são referidos como ‘moscas’.

Atenção, eu sou a mosca. A grande mosca. A mosca que perturba o seu sono. Eu sou a mosca no seu quarto. A zum-zum-zumbizar. Observando e abusando. Olha do outro lado agora. Eu to sempre junto de você. Água mole em pedra dura. Tanto bate até que fura. Quem, quem é? A mosca, meu irmão (RAUL SEIXAS, MOSCA NA SOPA).

Aqui, o sujeito nos deixa claro que sua música perturbava os militares, pois antes de serem censuradas, estas músicas eram tocadas nas rádios como se quisessem alertar a população. Os militares então achavam que a desordem estava feita, pois em função dessas músicas serem tocadas em rádios logo estariam na boca do povo, então para eles o único jeito era tirar as músicas das rádios, censurando-as e expulsando seus autores do país.

A segunda música que tomamos como *corpus* de nossas análises foi ‘Aluga-se’.

A solução pro nosso país eu vou dar. Negócio bom assim ninguém nunca viu. Tá tudo pronto aqui é só vir pegar. A solução é alugar o Brasil! Nós não vamos pagar nada. Nós não vamos pagar nada. É tudo free, vamo embora. Dar lugar pros gringo entrar. Esse imóvel tá pra alugar. Os estrangeiros, eu sei que eles vão gostar. Tem o Atlântico, tem vista pro mar. A Amazônia é o jardim do quintal. E o dólar deles paga o nosso mingau (RAUL SEIXAS, ALUGA-SE).

O que pode-se observar neste fragmento é que o sujeito que está inserido neste determinado meio e época. Observa-se que os brasileiros que não tinham o direito de expressar os pensamentos sendo muitas vezes exilados. Daí então a única solução era alugar o Brasil e deixar que os estrangeiros ocupassem nossas terras. Este ‘free’ que aparece no fragmento, quer dizer livre, nos mostra que os brasileiros que eram expulsos e passavam residir em outros países estavam livres da hipocrisia, do poder que era instaurado na época da ditadura, livre para poder se expressar. Nosso país estava pronto para receber sujeitos que não faziam parte deste meio bem como estava sendo oferecido como mercadoria.

A terceira música ao qual tomamos como *corpus* de nossas análises foi ‘Cowboy fora da lei’. O próprio enunciado ‘Cowboy fora da lei’ é polissêmico, pois logo quando observamos “fora da lei” já nos remete que o tal “cowboy” não obedece as leis da sociedade ao qual foi inserido e que também podemos observar é que

este não se importa com o que lhe é imposto.

Mamãe, não quero ser perfeito
Pode ser que eu seja eleito
E alguém pode querer me assassinar
Eu não preciso ler jornais
Mentir sozinho eu sou capaz
Não quero ir de encontro ao azar
(RAUL SEIXAS, COWBOY FORA DA LEI).

O que nos remete no fragmento acima, é que o sujeito não quer aparecer, mas através de suas músicas ele acaba expressando os seus ideais e os seus pensamentos. O sujeito que emerge dessas letras de músicas coloca tudo o que sente nelas, todos os seus sentimentos e na época da ditadura, os militares não tinham como prova nada de errado através dessas músicas, pois na verdade o significado estava nas entrelinhas delas.

Oh, coitado, foi tão cedo
Deus me livre, eu tenho medo
Morrer dependurado numa cruz
(RAUL SEIXAS, COWBOY FORA DA LEI).

Através da historicidade e de nossas memórias discursivas, podemos observar neste fragmento citado acima, que o sujeito que emerge nessa música não quer acabar crucificado igual Jesus, não quer morrer por pessoas que o julgam e não o aceitam e nem ao menos o conhecem, ele não quer pagar por pessoas que não merecem o seu sofrimento, pois ele mesmo já sofreu demais por nada, por ao menos ter o direito de se expressar.

Eu não sou besta pra tirar onda de herói
Sou vacinado, eu sou cowboy
Cowboy fora da lei
Durango Kid só existe no gibi
E quem quiser que fique aqui
Entrar pra história é com vocês.
(RAUL SEIXAS, COWBOY FORA DA LEI).

No fragmento acima, podemos fazer diversas observações, este 'Durango Kid' que aparece, nos remete ser um cowboy que exista no Velho Oeste, isso por causa de nossas memórias discursivas, pois este tal cowboy não tem medo de nada e pode enfrentar a tudo e a todos sem temer nada. Observamos através da

historicidade, que este cowboy só existe em gibi, pois ninguém na vida real enfrenta tudo e todos. O sujeito que emerge dessa música não quer ser herói, ele quer apenas fazer a sua parte perante a sociedade sem precisar aparecer nem ganhar fama por causa disso.

A quarta música ao qual tomamos como *corpus* de nossas análises foi 'Como Vovó já dizia' outra letra que também o sujeito que emerge dela mostra os sentimentos a respeito da ditadura, tudo o que sentia e não poderia sair pelas ruas dizendo tudo o que pensava, então a solução era se constituir através das suas músicas, pois era um meio que chegava aos ouvidos de toda a população naquele momento de tanto desespero e submissão.

O enunciado nos traz através de nossas memórias discursivas, que tudo o que uma 'vovó' diz é porque já tem conhecimento o suficiente de mundo para dizer o que é certo e o que é errado, pois ela já viveu muito e adquiriu muitas experiências de vida, então está apta a passar isso para seus filhos e netos.

Quem não tem colírio usa óculos escuros
(Mas não é bem verdade)
Quem não tem colírio usa óculos escuros
Uh!
(RAUL SEIXAS, COMO VOVÓ JÁ DIZIA).

O 'colírio' que é citado no fragmento acima, nos remete que o sujeito deve usá-lo para enxergar tudo o que está acontecendo com bastante clareza, pois os militares exerciam o poder a todo momento. Quando diz 'óculos escuros', são os sujeitos que preferem permanecer neutros e ficarem cegos diante de tanto poder que oprimem a todos, preferem obedecer e não contrariar os militares.

Quem não tem colírio usa óculos escuros
Minha vó já me dizia pra eu sair sem me molhar
Quem não tem colírio usa óculos escuros
Mas a chuva é minha amiga e eu não vou me resfriar
Quem não tem colírio usa óculos escuros
A serpente está na terra o programa está no ar
(RAUL SEIXAS, COMO VOVÓ JÁ DIZIA).

No fragmento acima, observamos que tudo era a 'vovó' quem dizia, percebemos que se encaixa como conselhos que lhe foi dado, mas que na verdade o sujeito que emerge dessa música queria dar um alerta para todos a respeito dos militares que só pensavam em exercer o poder sobre todas as pessoas,

principalmente das pessoas que falavam o que pensavam e que se mostravam completamente contra tudo o que lhes era imposto.

Observamos também que, quando diz 'a serpente está na terra' logo nos remete aos militares, pois serpente é bicho traiçoeiro e que a qualquer momento poderia nos atacar. Era realmente isso que aconteceria, pois os militares observavam tudo como serpentes prontas para dar o bote a qualquer momento sobre suas vítimas. Eles prestavam atenção a tudo, a cada movimento que ocorria e ficavam de olho para tomar atitudes assim que fosse preciso, pois o poder a todo momento era instaurado por eles em qualquer lugar que fosse.

Percebemos que o sujeito que emerge através das letras de músicas, mostra por meio delas a sua constante indignação e revolta com o tratamento que o povo brasileiro sofria, mais ele não tinha o que fazer a não ser escrever sua música.

PARA NOIA

Tinha tanto medo de sair da cama à noite pro banheiro
Medo de saber que não estava ali sozinho porque sempre
Sempre, sempre
Eu estava com Deus!
Eu estava com Deus!
Eu estava com Deus!
Eu tava sempre com Deus

Se eu vejo um papel qualquer no chão
Tremo, corro e apanho pra esconder
Com medo de ter sido uma anotação que eu fiz
Que não se possa ler
E eu gosto de escrever, mas
Mas eu sinto medo!
Eu sinto medo!

Minha mãe me disse há tempo atrás
Onde você for Deus vai atrás
Deus vê sempre tudo que você faz
Mas eu não via Deus
Achava assombração, mas
Mas eu tinha medo!
Eu tinha medo!

(RAUL SEIXAS, PARA NOIA).

A quinta música, Para noia, é possível observar que o próprio enunciado (para noia), nos remete a diversos efeitos de sentido, em um primeiro momento, nos remete à loucura, à doença psíquica, ao sujeito que é louco. No segundo momento, nos mostra que o sujeito inserido neste contexto, se sente perseguido a todo momento e em todos os lugares.

Se pensarmos na historicidade, em que esta letra de música foi instaurada, podemos perceber claramente, que todos os fatos que ocorrem em seus enunciados, são decorrentes da época da ditadura militar. Por causa da ditadura, o sujeito que ali se insere, se sente completamente reprimido em tudo o que ele faz, mesmo estando dentro de sua própria casa, não tem liberdade para nada, sente-se vigiado a todo momento.

O 'Deus' que aparece no *corpus* analisado, também nos remete a diversos efeitos de sentido, pois Deus está em todos os lugares, sabe de tudo e vê tudo o que acontece, sendo que ele também pode ser tomado como os militares, que estavam em todos os lugares, observando a tudo e a todos. Esses militares observavam, ainda mais, os sujeitos que escreviam e falavam suas ideias sem pensar em nada, por isso tanta censura naquela época, pois os que falavam o que queriam eram perseguidos e acabavam ficando paranoicos.

"[...] Minha mãe me disse há tempo atrás. Onde você for Deus vai atrás", neste fragmento, observamos que ele nos traz outras vozes, pois aqui está claro que é a mãe do sujeito que se sente perseguido, que diz e não ele, e mais uma vez Deus que aparece também nos traz outros efeitos de sentido, pois será o Deus, o nosso Deus ou os militares que vão sempre estar junto dele.

"Para...noia", neste fragmento tirado do *corpus* analisado, percebemos que não é como o enunciado "Paranoia", pois aqui o "para" virou um verbo e nos deixa claro que o sujeito aqui analisado, quer dar um basta em tanta perseguição.

O poder disciplinar trata-se de um poder microfísico, distribuído por toda sociedade, por meio do qual se disciplina a si e aos outros, colocando cada sujeito no seu lugar. O processo de disciplinarização, entre 1964 a 1985, era um processo de poder imposto pelos ditadores, de forma covarde, violenta, submissa a qualquer efeito de dor de tortura, de perseguição. Eles queriam que a sociedade se disciplinasse como se eles fossem o rei da sociedade e a sociedade deveria render ao poder dos ditadores.

Foucault (1986, p.106) afirma que "[...] a disciplina é antes de tudo a análise do espaço, a inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório". Assim, o poder disciplinar exerce seu controle sobre o desenvolvimento de uma ação, quando a sociedade resistia àquilo que o governo queria impor o poder, tornou-se um confronto entre a disciplinarização dos ditadores, governantes e a resistência em massa da sociedade. A sociedade era exposta à

disciplinarização (censura), pois as emissoras de rádio e televisão passavam apenas aquilo que o governo queria mostrar.

O quadro histórico aqui traçado não indica que o regime militar não tenha conseguido obter o apoio de amplos seguimentos da sociedade. Para tanto, a propaganda de massa foi amplamente utilizada pelo regime, em especial para promover a figura do presidente Médici como um homem “simples”, ligado aos valores populares, como o futebol. O regime militar, aliás, tentou vincular suas conquistas políticas e econômicas à conquista da Copa do Mundo de Futebol em 1970. Somada às facilidades de consumo trazidas pela estabilidade econômica, sobretudo para a classe média, e a censura (que impedia a vinculação de qualquer notícia que comprometesse o governo), a propaganda oficial conseguiu criar um clima de ufanismo generalizado. O slogan mais repetido era então: “Brasil, ame-o ou deixe-o”. (NAPOLITANO, 1998, p. 44).

Fazendo a análise da frase “Brasil, ame-o ou deixe-o” está bem clara na escrita uma forma de disciplina, pois se você não amar o Brasil, você tem a opção de ir embora. Está instaurado na frase o poder, a disciplina e a resistência. Essa propaganda foi bem polissêmica e deixou-se bem clara a disciplinarização e o poder ali instaurado.

Forma-se, então, uma política de coerções que consiste em um trabalho sobre o corpo, numa manipulação calculada dos seus elementos, dos seus gestos, dos seus comportamentos.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, desarticula-o e o recompõe. A disciplina fabrica assim, corpos submissos exercitados, os chamados ‘corpos dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidades) e diminui essas mesmas forças que se dissocia o poder do corpo, faz dele por um lado uma “aptidão”, uma ‘capacidade’ que ela procura aumentar; e investe por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estreita”(FOUCAULT, 1997, p. 119).

As práticas disciplinares surgem a partir do momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna mais obediente quanto mais útil for e vice-versa. Entre 1964 à 1985, de um lado os ditadores com seu poder e disciplinarização sobre a sociedade, e do outro lado a sociedade com o poder e a resistência sofrida pelos ditadores.

Considerações Finais

O período de 1964 à 1984, época da ditadura militar no Brasil, como visto, houve de fato o silenciamento de discursos que contrariavam o regime militar. Todavia, como nem tudo e todos podem ser normatizados, as canções eram utilizadas como formas de subversão frente a esse cenário.

Assim, as músicas escritas na época, em certos detalhes era um modo de resistência e poder em confronto aos ditadores da época.

Concluo que nesta época os sujeitos que emergiam das letras de músicas, queriam derrubar a Ditadura Civil Militar, fizemos análise de recortes das letras das músicas de Raul Seixas, um sujeito que fez parte da ditadura e sofreu todas as opressões ocasionadas por ela e um modo de atacá-la era compondo e cantando as suas músicas.

Referências

- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 8. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo, Perspectiva, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo, Contexto, 2014.
- MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.